

Salmos 1 e 2

Comentário

rev. Jonathan Hack
agosto de 2023

Introdução aos Salmos

Jonathan Hack, 2023

Para começar a compreender os salmos, vamos antes analisar os dois primeiros salmos individualmente e, depois, a sua importante função como introdução dupla ao livro todo.¹

Salmo 1

O salmo 1 contrasta visivelmente os justos e os ímpios, com o seu centro nas duas imagens de comparação: a firme árvore e a efêmera palha (1.3-4). Dessa forma, o salmo pode ser estruturado de forma simples como uma descrição do justo (1.1-3) e uma descrição dos ímpios (1.4-6).²

Contrariamente à proposta iluminista e ainda vigente de felicidade como liberdade para ter e fazer tudo o que se deseja, o salmista enfatiza já desde o início que a obediência à Palavra de Deus é o caminho para toda a felicidade nesta vida. O justo é aquele que segue este caminho de submissão às instruções divinas. Por isso, no salmo 1, o justo é descrito de quatro maneiras: 1) pelo que ele não faz (1.1); 2) pelo que faz (1.2); 3) pela imagem de vigor e frutificação (1.3); e, na conclusão, 4) pelo cuidado do Senhor (1.6). Vamos começar pelo exame da primeira maneira, no versículo 1.

1. O que o justo não faz (1.1)

Oh! As bem-aventuranças do ser humano³

Diversas versões registram apenas “bem-aventurado” ou “feliz” como tradução para o vocábulo original (*’ashre*). Contudo, o termo está no plural e descreve uma exclamação de alegria pela observação de uma pessoa bem-sucedida.⁴ Literalmente, significa “Oh! As bem-aventuranças de...”. Ou seja, não é uma benção desejada sobre a pessoa, mas sim a jubilosa constatação de um fato presente naquela vida já abençoada por Deus.

A pessoa observada tem uma vida de deleite em Deus e de digna produtividade sob a direção divina, de forma a chamar a atenção dos outros (Dt 4.6). Ora, esse é o propósito final (a longo termo) de Deus para os crentes: serem prósperos e felizes. Essa felicidade não significa ausência de problemas, como o restante dos salmos bem o demonstram; antes, indica que o justo tem um fundamento sobre o qual pode apoiar a sua vida e enfrentar quaisquer circunstâncias.

O termo original “homem” (*’ish*), preservado em versões mais antigas (como a ARA), não exclui as mulheres, obviamente, pois se refere aqui ao ser humano em geral. O salmo descreve o ser humano, mas começa implicitamente com a bênção divina sobre esta pessoa; ou seja, é centrado em Deus e sua palavra vivificante.

O justo – que só será identificado plenamente no final – é apresentado de forma individual,

¹ O comentário é fortemente baseado nos livros relacionados na bibliografia, de forma que ficaria importuno fazer referências constantes às obras que justificam cada afirmação feita. Fica aqui registrado o grande débito do autor a estas obras.

² Diversos estudiosos propõem o v. 6 como conclusão do salmo, enquanto outros incluem o v. 5 na conclusão (pelos vocábulos iniciais do v. 5). Pode-se argumentar que o v. 5 conclui a afirmação do v. 4, enquanto o v. 6 conclui a comparação dos justos com os ímpios. Wilson propõe estruturar o salmo em três comparações entre o justo e o ímpio: associações (1.1-2), frutos (1.3-4), consequências (1.5-6).

³ Apresento uma tradução minha do original hebraico (BHS), que procura não diferir muito da tradicional Almeida.

⁴ É um termo que ocorre diversas vezes nos salmos: 1.1; 2.12; 32.1-2; 33.12; 34.8; 40.4; 41.1; 65.4; 84.4-5,12; 89.15; 94.12; 106.3; 112.1; 119.1-2; 127.5; 128.1-2; 137.8-9; 144.15 [2x]; 146.5. O estudo destas ocorrências revelará os parâmetros usados pelos salmistas para definir o que é ser feliz e bem-sucedido.

por meio de um substantivo singular (o “ser humano”). Contudo, os versos seguintes o contrastam com três substantivos plurais: “ímpios”, “pecadores” e “insolentes”. Dessa forma, além do contraste inicial de um contra três oponentes (estratégia comum na literatura sapiencial), o poema reforça a diferença ao tornar os três oponentes em grupos, em vez de meros indivíduos.

**que não anda no conselho dos ímpios,
não se detém no caminho dos pecadores,
nem se assenta na roda dos insolentes.**

Apesar de iniciar com o que o justo não faz, logo depois o salmo apresenta o aspecto positivo do caminho do Senhor (1.2). Aqui temos um paralelismo triplo,⁵ com intensificação de sentido em três aspectos:

	ação	esfera	oponentes
1ª linha	anda	conselho	ímpios
2ª linha	se detém	caminho	pecadores
3ª linha	se assenta	roda	insolentes

Perceba as intensificações, principalmente na última linha:

1) dos verbos: andar, deter-se, assentar-se. É um movimento de um contato mais rápido (o andar aqui é ocasional, porque significa seguir uma opinião num dado momento) para um contato mais intencional e fixo (deter-se) e, enfim, para um contato mais permanente (ao se assentar).

2) dos oponentes: ímpios, pecadores, insolentes. O salmista se move das categorias mais genéricas de impiedade para as mais específicas. Os ímpios são aqueles que não têm piedade (“im” = não + “pios” = piedosos); não têm temor do Senhor. Rebelam-se contra as instruções divinas e, por isso, declaram-se ateus. Os pecadores são aqueles que erram o alvo estabelecido; eles se comprazem na prática do pecado. Os insolentes (“escarnecedores” na ARA) vão além porque têm prazer em zombar de Deus e de seus seguidores. Sua atitude insolente (Pv 21.24) se demonstra num completo desprezo quanto à vontade de Deus e às suas instruções.

3) dos estilos de vida: conselho, caminho, roda, aumentando o envolvimento com o mal. O conselho envolve um plano, um padrão de pensamento, mas é algo ocasional. O caminho já estabelece um padrão de conduta; é algo repetido e comum. A roda determina um padrão de identificação com o grupo; é ser aceito e pertencer a uma gangue, uma tribo, uma “rodinha”. Essa “roda” do mal é também uma paródia da reunião dos anciãos no portão da cidade para julgar os acontecimentos e decidir de acordo com a Torá; ela é o oposto da “congregação dos justos”.

Todas estas progressões sugerem que o envolvimento com o mal acontece aos poucos. Primeiramente o pecado é ocasional, pois estamos apenas seguindo a opinião ou conselho de alguém (como em 2Cr 22.5). Depois se torna mais fácil e comum de ser praticado, e passamos a agir continuamente de modo errado. Finalmente, o pecado se torna parte da nossa identidade e do nosso caráter, pois ficamos dominados pelo mal e absorvemos a sua cosmovisão. “Quando as pessoas vivem no pecado, elas passam do ruim para o pior” (Spurgeon, p. 1). Por isso o justo não deve se envolver nas atividades do mal, nem se associar com os seus praticantes (Sl 26.4-5; Pv 4.14-15).

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. Como se estrutura o salmo 1? Qual é o seu tema principal?

⁵ O paralelismo é um recurso bastante comum da poesia hebraica. É uma rima do pensamento (e não das palavras). Um versículo típico contém duas linhas, na qual a segunda expressa um pensamento similar ao da primeira, com algum acréscimo ou alteração. Essa alteração pode ser para aprofundar o assunto, para fazer oposição à afirmação anterior, ou para intensificar o tema abordado. O paralelismo triplo é mais raro, mas também ocorre no Antigo Testamento.

2. Qual é o conceito de felicidade para a sociedade iluminista atual?
3. De que maneiras o salmo 1 descreve o justo?
4. Qual é o propósito final de Deus para os crentes?
5. De que modos o poema reforça a diferença entre justos e ímpios no v. 1?
6. Explique a tripla intensificação de sentido no v. 1.
7. Por que os escarnecedores insolentes são uma categoria ainda pior de pecadores?

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. Como você define a felicidade segundo o padrão bíblico?
2. Os outros podem chamar você de pessoa bem-aventurada? Por quê?
3. O seu viver na presença de Deus chama a atenção de outras pessoas? Como?
4. Em sua vida há áreas em que você tem se aproximado progressivamente do mal? Quais?
5. Visto que não podemos nos isolar do mundo, como você pode evitar o mal em sua vida?

2. O que o justo faz (1.2)

Bem pelo contrário, na instrução de Javé está o seu prazer, e na sua instrução medita dia e noite.

O v. 2 começa com uma expressão forte: “bem pelo contrário” (*ki 'im*). Ela apresenta um contraste marcante entre a ação positiva do justo e as ações negativas que deve evitar.

Em vez de se envolver progressivamente com o mal, o justo encontra “**prazer**” em pensar sobre as instruções divinas, a fim de encontrar aplicação para a sua vida (Sl 112.1; 119.14,16,35,47). As instruções de Deus são vivas e impactam o coração, por isso geram o prazer de se ter a vida transformada; não são uma legislação opressiva imposta a partir do exterior. De fato, sem a atitude correta não há verdadeira obediência, pois “a obediência forçada ou servil não é de forma alguma aceitável diante de Deus”.⁶ Por isso é melhor praticar a obediência como desejo e deleite:

Os crentes são aqueles que amam a Deus com todo o seu coração [...]. Essas não são imagens utilizadas frequentemente em nossa tradição calvinista, visto que estamos cercados por um pesado senso de dever. Porém, ao lado de *dever*, há *desejo* e *deleite* em qualquer relacionamento sério, a vontade enérgica de estar com a pessoa amada, de agradá-la, de encontrar na alegria dela a nossa própria alegria. [...] Portanto, a “obediência” é um modo visível e concreto de produzir e alcançar esse desejo, de forma que o dever converge completamente no desejo e deleite da comunhão. A questão não é que a obediência é algo instrumental que torna possível a comunhão, mas a obediência em si é um modo de “estar com” com a pessoa desejada em alegria, deleite e bem-estar. De um modo bem concreto, é profundamente satisfatório fazer aquilo que dá maior prazer à pessoa amada.⁷

Ou seja, é possível encontrar verdadeiro prazer e satisfação em obedecer às instruções divinas porque estamos fazendo aquilo que dá prazer ao Deus que amamos.

Como o justo “medita” nas instruções divinas? Primeiramente, ele o faz “dia e noite”, o que indica uma ação contínua, durante todo o tempo (Sl 119.97). Isso não significa ficar todo o tempo estudando a Bíblia, mas sim estar de tal forma mergulhado no conteúdo da Escritura que os princípios dela formam a nossa cosmovisão e estão presentes em tudo o que pensamos. É o que Paulo expressa quando escreve: “Que a palavra de Cristo habite ricamente em vocês” (Cl 3.16).

Em segundo lugar, o verbo “meditar” (*hagah*) descreve um murmúrio (similar ao de águas

⁶ Calvino, v. 1, p. 45.

⁷ Brueggemann, 1999, p. 39-40.

correntes) ou sussurro audível (como o de pombas; Is 38.14).⁸ Esse barulho procede do costume antigo de recitar o texto lido em voz baixa,⁹ o que nos recomenda o hábito de escutarmos a Palavra de Deus falada (por nós mesmos ou por outros). Além disso, o verbo “meditar” inclui o sentido de “ponderar e remoer” o pensamento, pois o murmúrio também advém da repetição constante em voz baixa dos ensinamentos a serem assimilados, como alguns fazem para decorar conteúdo para uma prova. Em outras palavras, “meditar” é ler o texto várias vezes, numa absorção lenta, buscando maneiras de entendê-lo cada vez mais.

É bem importante ainda explicarmos nossa tradução de “lei” (*torah*) como “instrução”. O substantivo Torá (uma transliteração do termo hebraico para o português) é usado ainda hoje pelos judeus para se referirem aos cinco livros de Moisés.¹⁰ Visto que o Pentateuco contém muitas leis, os cristãos costumam chamar este grupo de livros como a “Lei”. Contudo, o termo *torah* é mais bem traduzido como “instrução, ensino”, pois deriva do verbo “ensinar, lançar” (*yarah*).¹¹ Assim, as instruções divinas são ideias arremessadas da mente de Deus para a nossa.

Traduzir este importante termo, que aparece 220 vezes no Antigo Testamento, como “lei” gera um impacto negativo nas pessoas hoje, pois estamos acostumados a pensar nas leis como imposições restritivas da sociedade, as quais podem ser burladas quando for conveniente e seguro.¹² Nossa natureza pecaminosa tem uma reação natural de ir contra a lei divina (Rm 7.7,23). Porém, quando entendemos *torah* como instrução opcional que gera vida plena nos que a obedecem, temos mais facilidade e prazer em nos submetermos aos princípios divinos.

Em suma, o salmista indica que o caminho para a verdadeira felicidade está em não ouvir os conselhos do mundo, mas sim prestar atenção nas instruções de Deus e executá-las. Observe que o salmo não prega obediência fundamentalista aos mandamentos, mas sim afirma que a instrução divina graciosamente gera vida e felicidade. Este ensinamento é muito similar às instruções dadas em Josué 1.7-8. Os salmos 19 e 119 também recomendam essa piedade baseada na Torá. De fato, o conceito de bem-aventurança por guardar a instrução do Senhor é reforçado pelo próprio Jesus em Lucas 11.28.

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. Por que o justo encontra prazer em pensar sobre as instruções divinas?
2. Para Calvino, a obediência forçada não é aceitável diante de Deus. Você concorda? Por quê?
3. Explique como é possível ter prazer na obediência a quem amamos.
4. Como é possível meditar dia e noite na Palavra de Deus?
5. Descreva as duas situações em que o leitor de um texto produzia um murmúrio.
6. Como deve ser traduzido o termo hebraico “torah”?
7. Por que não usar “lei” para traduzir “torah”? Qual é a diferença que produz?
8. Compare o salmo 1.2 com a exortação de Deus em Josué 1.7-8. Quais são as semelhanças?

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. Você estuda a Bíblia e tem prazer em aplicá-la à sua vida?
2. Você considera os mandamentos de Deus como uma lei opressiva e restritiva?

⁸ Alguns pregadores afirmam que é possível traduzir *hagah* como “ruminar”, como no processo digestivo recursivo de uma vaca, por exemplo. Embora o sentido de “remoer, ponderar” esteja incluído no verbo, ele é sempre usado para expressar sons baixos (sussurros) inteligíveis ou não. Não há associação direta com o ato digestivo dos animais ruminantes, exceto na comparação figurada deste ato com o processo de “mastigarmos” continuamente as verdades do texto.

⁹ A leitura silenciosa dos textos é um costume bem recente da humanidade.

¹⁰ A Bíblia Judaica (também conhecida como Bíblia Hebraica) é chamada de Tanakh, um acrônimo formado pelas letras iniciais das suas três divisões tradicionais: Torá (Livros de Moisés), Nevi'im (Profetas) e Ketuvim (Escritos).

¹¹ A Sociedade Publicadora Judaica (JPS) traduziu o termo como “ensino” na sua versão inglesa de 1985 da Tanakh, o que demonstra como o mundo judaico compreende o termo *torah*.

¹² Como diz meu querido genro, após termos conhecido o jeito italiano de viver e percebermos como é parecido com o jeito brasileiro: “é proibido, mas se quiser pode fazer”.

3. Você já tentou obedecer a Deus porque deseja expressar o seu amor a ele?
4. Ao tomar decisões diariamente, você recorre aos princípios bíblicos? Lembra-se deles?
5. Você já experimentou sussurrar os salmos para assimilá-los melhor?
6. Faça um autoexame honesto e veja como você reage negativamente às leis de Deus.
7. Você está disposto a obedecer voluntariamente às instruções divinas que geram vida?

3. A diferença entre o justo e o ímpio (1.3-4)

**Ele se torna como uma árvore
plantada firmemente junto a canais de água,
que, o seu fruto, ela dá no devido tempo;
e a sua folhagem não murcha;
e tudo o que ele faz será bem-sucedido.**

A devoção do justo à Torá o torna similar a uma árvore viçosa. O verbo original (*hayah*) pode ser traduzido como “ser”, “estar” ou “se tornar” (como o verbo “to be” do inglês). Visto que a vida plena do justo na terra não é um estado imediato, nem algo fixo, mas sim um processo de crescimento pela transformação do Espírito Santo, fica melhor traduzir aqui como “se torna”. É o que o salmista afirma em 92.12-15: “o justo... crescerá”.

O que aprendemos sobre a vida do justo por meio desta imagem da árvore viçosa?

Em primeiro lugar, esta imagem ressalta a boa nutrição obtida pelas raízes a partir dos canais de água disponíveis. O termo “canais” indica sulcos artificiais de irrigação para auxiliar a vegetação na terra árida de Israel. Obviamente o segredo está na abundância constante de água que fica disponível por este método. Como a árvore, o justo está conectado a uma fonte abundante e constante de água viva – que é a Palavra de Deus – e por isso prospera e frutifica. No mundo atual que só valoriza a autonomia, o justo busca intencionalmente a dependência de Deus ao beber das suas instruções diariamente.

Em segundo lugar, o justo pode beber desta água constantemente porque a árvore foi “plantada firmemente” (*shatal*). Esta raiz verbal indica que a árvore foi transplantada para o seu local atual de outro lugar ou que, pelo menos, foi plantada intencionalmente como semente neste local. O justo não é um mero sortudo que nasce em local apazível e se dá bem na vida. De fato, todos nascemos em terra árida, mas por meio da obra de Jesus somos transplantados para o reino de Deus (Cl 1.13), onde há “pastos verdejantes” e “águas de descanso” (Sl 23.2). Dessa forma, ao enfrentar o período de seca – as adversidades da vida –, o justo continua a florescer porque as suas raízes profundas trazem o sustento necessário a partir das instruções do Senhor:

Bendito aquele que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, porque as suas folhas permanecem verdes; e, no ano da seca, não se perturba, nem deixa de dar fruto. (Jr 17.7-8)

Em terceiro lugar, o justo testifica a vida de Deus por meio de seu fruto e de sua folhagem. A folhagem verdejante fala da fé que converte a água da vida em força e sustento; o fruto é um símbolo das obras que decorrem desta fé no momento devido.¹³ Quando a árvore perde sua folhagem, não consegue amadurecer os seus frutos. Assim também o crente depende da sua fé, pois por meio dela produz boas obras. De fato, todos fomos chamados a produzir fruto (Ef 2.10).

Enfim, a imagem da árvore fala de estabilidade, permanência, frescor e produtividade. Tanto a conduta quanto o destino do justo refletem isso.

¹³ Keil e Delitzsch, v. 5, p. 50.

A linha seguinte retorna à descrição do justo e afirma que ele alcança sucesso em tudo o que faz. O justo consegue florescer em meio à adversidade. Isso não é uma recompensa, mas sim mera consequência de estar conectado à água viva. O tempo verbal causativo (*hifil*) de “ser bem-sucedido” (*tsalach*) indica que esse sucesso é causado implicitamente por Javé. O conceito faz um enquadramento com a ideia inicial de que o justo é bem-aventurado, pois isso decorre da bênção divina.

Não se valoriza aqui a justiça própria: embora a obediência em geral gere prosperidade, isso ocorre pela graça de Deus. Essa prosperidade não dá direito ao justo de se tornar arrogante (Dt 8.17-18), nem de julgar os outros em suas falhas.

Finalmente, é preciso ressaltar que o salmo 1 não é uma promessa infalível ou uma fórmula mágica: “se obedecer, prosperarei”. Como um salmo didático, apenas registra o ensino normativo de como a vida projetada por Deus deveria funcionar na terra. Neste texto o salmista não descreve a realidade observável, que inclui a prosperidade do ímpio, por causa da presença do pecado no mundo. Ele tratará disso depois (37.7-13; 73.3).

**Não são assim os ímpios;
bem pelo contrário, são como a palha
que o vento dispersa.**

Ao passar para a imagem que descreve os ímpios, o texto hebraico começa com uma enfática negação (*lo' ken*) que os contrasta com o justo: os ímpios são bem diferentes! No segundo verso, a forte adversativa “bem pelo contrário” (*ki 'im*) reforça esta drástica diferença. O contraste também é fortalecido pelo espaço dedicado à descrição da árvore (três versos) em comparação com a palha (um verso). Tudo isso sugere a vitalidade e força do caminho do justo em relação à insensatez do caminho dos ímpios.¹⁴

A imagem da “palha que o vento dispersa” é comum para o juízo divino (Is 17.13; 29.5; 40.23-24; Jr 13.24; Os 13.3; Sf 2.2). Em oposição à estabilidade do justo, os ímpios estão sempre em movimento (Is 57.20-21), empurrados para todo lado por sua imaturidade (Ef 4.14). A palha levada pelo vento se contrasta com a firmeza da árvore, pois se caracteriza como inútil, vã, sem permanência. De fato, o termo “ímpio” (*rasha*) conota algo solto, sem estabilidade, em oposição ao termo “justo” (*tsadiq*), que conota algo firme e estável.¹⁵ Esse movimento impotente se contrasta com a estabilidade frutífera do justo:

A essência da prática do mal é errar o alvo (que é etimologicamente o que significa a palavra hebraica para “pecadores”), é perseguir objetos insensatos ou inalcançáveis de desejo que apenas levarão à frustração, enquanto o homem cujo deleite está no ensinamento do Senhor conhece a arte de assentar-se calmamente no lugar correto e de encontrar realização dentro dos limites da lei e de sua própria condição humana.¹⁶

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. Como o salmo 92.12-15 complementa e amplia a imagem do salmo 1.3?
2. Numa terra árida, a árvore precisa de água constante. Como isso descreve o justo?
3. Como a vida do crente reflete o fato de que a árvore foi transplantada?
4. Pondere sobre Jr 17.7-8. Por que o justo consegue enfrentar as adversidades da vida?
5. Que tipo de frutos o justo deve produzir em sua vida?

¹⁴ Um detalhe adicional reforça de modo sutil a drástica diferença entre o justo e o ímpio. A última palavra do salmo, o vocábulo “perecerá” (*to'bed*), inicia com a última letra do alfabeto hebraico. Já a primeira palavra do salmo (*'ashre*) começa com a primeira letra. Em sua composição intencional, o salmista parece dizer que os justos e os ímpios estão tão separados quanto o A e o Z (o Alef e o Tau no alfabeto hebraico).

¹⁵ Keil e Delitzsch, v. 5, p. 49.

¹⁶ Alter, p. 117.

6. Por que o justo não deve ser arrogante quanto à sua prosperidade?
7. De que maneira a palha dispersa se contrasta com a árvore?
8. Como a palha caracteriza o caráter e a vida do ímpio?

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. Você se alimenta diariamente das instruções de Deus para permanecer uma árvore viçosa?
2. Você agradece ao Senhor pela abundância de pasto e água para lhe dar vida plena?
3. Como você reage quando enfrenta adversidades? Você receia o calor?
4. Enumere alguns frutos decorrentes da sua vida cristã.
5. Quem é o autor implícito do sucesso do justo?
6. Examine o seu coração. Você se vangloria do sucesso alcançado em sua vida?
7. Você é uma pessoa “centrada” e estável? Ou é irrequieto como os ímpios? Explique.

4. Os dois caminhos (1.5-6)

**Por isso, os ímpios não se levantarão no juízo,
nem os pecadores, na congregação dos justos.
Porque Javé conhece o caminho dos justos,
mas o caminho dos ímpios perecerá.**

O v. 5 começa com uma indicação de transição lógica: “por isso” (*‘al ken*). Agora o salmista apresenta as conclusões de sua comparação entre justos e ímpios.¹⁷ Ele começa com um paralelismo simples no v. 5, no qual o segundo verso esclarece e complementa o primeiro verso. Ímpios e pecadores não têm voz no julgamento que ocorre na “congregação dos justos”.

A Bíblia se fundamenta na certeza de que os ímpios serão julgados por Deus e de que eles não serão inocentados de suas perversidades. Esse juízo na congregação dos justos pode se referir a uma reunião dos anciãos da cidade (a assembleia dos justos, como em Pv 5.14) ou ao julgamento escatológico de Deus sobre todos. De qualquer forma, os ímpios não “prevalecerão” (ARA); ou seja, não serão aceitos como membros do grupo dos justos, não serão tidos por inocentes. Não ser admitido à congregação dos justos podia gerar consequências econômicas (veja Mq 2.5, que relata que os ímpios seriam excluídos da redistribuição da terra).

Observe que a nomeação explícita do Senhor só ocorre no último versículo do salmo, reforçando a ideia sapiencial de que a prosperidade do justo e a desgraça do ímpio são inerentes à realidade projetada por Deus. Em outras palavras, o Senhor age soberanamente em tudo, mas de forma oculta. Aqui o salmista tranquiliza o justo na certeza de que Deus está atento a tudo o que lhe ocorre (Sl 37.18; 2Tm 2.19). Conhecer aqui traz também o sentido de cuidar e se interessar; isto é, o Senhor guarda o caminho dos justos. Todavia, não há promessa de ausência de problemas (como os demais salmos demonstrarão), apenas da presença do Senhor conosco em meio aos problemas (Sl 23.4).

Por outro lado, no final do versículo, seguindo um paralelismo antitético, esperaríamos ler uma declaração explícita de que Javé destruirá os ímpios, em contraposição ao seu cuidado com o justo. Porém, o salmista afirma que “o caminho dos ímpios perecerá”. Faz diferença? Sim. Pois o salmista afirma que os ímpios escolhem seu caminho e isso automaticamente os levará à destruição final (Pv 4.18-19; 14.12; Sl 37; 73); se não durante sua vida, pelo menos escatologicamente. Ou seja, Deus precisa apenas deixar de cuidar dos ímpios, pois sem a sua intervenção divina constante, a vida

¹⁷ A importância dos justos transpõe mais uma vez na estrutura concêntrica (quiasmo) dos versículos 5 e 6. O quiasmo ocorre bastante na poesia hebraica; geralmente é representado usando-se letras iguais para partes similares da estrutura concêntrica. Dessa forma, aqui temos um quiasmo ABBA em relação ao uso dos termos “ímpios” (A) e “justos” (B). O quiasmo atrai a atenção do leitor para os elementos centrais, por isso a estrutura literária confirma a importância teológica que o texto atribui ao caminho dos justos.

dos ímpios se degenerará em morte.

Fica claro, portanto, que só com o olhar atento de Deus podemos viver (Sl 104.27-30; Jó 34.14-15).¹⁸ De fato, para Agostinho, “não ser conhecido pelo Senhor é perecer, e ser conhecido por ele é permanecer vivo”.¹⁹

Em suma, por meio da imagem bíblica do “caminho”, usada neste primeiro salmo, a Bíblia retrata a vida diante de Deus como uma jornada (a conduta diária de uma pessoa) que tem um destino. Nessa jornada, o justo evita se envolver com o mal e com os que o praticam intencionalmente (1.1), mas devota-se ao estudo das instruções divinas (1.2). Por isso, ele floresce e prospera (1.3). Já o “caminho dos ímpios” (1.4-6) está determinado em seu destino: não sobreviverá. Em sua jornada, eles podem prosperar aparentemente (Jó 21.7-9,18) e oprimir os justos (como revelam os salmos de lamento), mas tudo se resolverá no juízo final. O salmo 1 não trata dessa triste realidade (a prosperidade do ímpio), pois foca no padrão estabelecido por Deus. É um salmo didático de orientação.

Este importante assunto dos dois caminhos percorre a Bíblia toda e é reforçado por Jesus em Mateus 7.13-14. Embora o “caminho dos ímpios” seja uma opção real neste mundo, somos exortados a buscar a estrada pouco escolhida dos justos.

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. Na visão normativa do salmo, os ímpios não prevalecem em um mundo justo. Isso reflete a realidade que você observa ao seu redor?
2. Quais consequências econômicas o ímpio podia sofrer ao não ser aceito pelos justos?
3. O que o salmo 1 afirma sobre o destino dos ímpios? Quem é o agente que traz este desfecho?
4. Por que é importante sabermos que os ímpios serão condenados por Deus no final?
5. A ação de Deus costuma ficar oculta na literatura sapiencial. Justifique.
6. Por que é importante que saibamos que o Senhor conhece o caminho dos justos?
7. O mundo consegue funcionar sem o olhar atento de Deus e a presença do seu Espírito Santo?
8. Resuma o caminho dos justos e dos ímpios em sua jornada e em seu destino.

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. Sua percepção de justiça encontra satisfação em saber que o ímpio será condenado no fim?
2. O amor ao próximo (ênfase do NT) deveria isentar o ímpio das consequências de suas ações?
3. Você fica tranquilo com a certeza de que o Senhor conhece a sua jornada e o seu destino?
4. Você percebe a presença e o consolo do Senhor quando enfrenta adversidades?
5. Sem o olhar de Deus, não conseguimos permanecer vivos. Como isso impacta você?

¹⁸ Estes textos indicam que a providência de Deus é ativa no mundo. O Criador não deixou o mundo funcionando sozinho.

¹⁹ Apud Waltke et al., p. 116.

Salmo 2

Deixando o mundo da piedade individual do justo, o salmo 2 trata agora da conduta das nações e de seus governantes. Todavia, também compara os dois possíveis caminhos das nações: a revolta contra o Senhor soberano (que as conduzirá à destruição) ou a submissão ao seu Ungido (que lhes permitirá a bem-aventurança).

É um salmo real,²⁰ ou seja, que trata acerca dos reis de Israel, em especial Davi. Atos 4.25 atribui sua autoria a Davi. Em geral supõe-se que eram usados nas cerimônias de coroação de um novo rei. É possível, pois, que os vassalos de Israel tenham sido convocados para a cerimônia. Mas, de qualquer forma, é um salmo que trata do poder mundial e que audaciosamente afirma que o Senhor soberano reina sobre as nações da terra a partir de sua morada em Jerusalém (Sião). Embora esse poder terreno não tenha sido dado a Israel na história, os salmos reais proclamam o poder universal de Javé e desejam que as nações se submetam ao rei de Israel (Sl 72.8-11).

O salmo 2 também apresenta um confronto de discursos, pois ele dá voz a diversos personagens, com vários verbos de fala. Dessa forma, podemos estruturá-lo em quatro partes de três versículos cada: 1) os reis da terra se rebelam (2.1-3); 2) Deus se ri e fala com eles (2.4-6); 3) o rei terreno reage ao desafio (2.7-9); 4) os reis da terra recebem em silêncio a exortação divina (2.10-12).

1. A rebeldia dos reis da terra (2.1-3)

**Por que se agitam as nações
e os povos em vão meditam?
Os reis da terra se posicionam
e as autoridades conspiram juntas
contra Javé e contra o seu Ungido:
“Despedacemos os seus grilhões
e lancemos de nós as suas cordas.”**

O salmo 2 começa com uma pergunta retórica: “por quê?”, que não visa esclarecimento. Antes, ela decorre do espanto do salmista diante da estupidez das nações, pois a rebeldia delas é inútil.²¹ Uma conexão mais direta com o salmo 1 está no uso do mesmo verbo “meditar” (*hagah*), traduzido na Almeida como “imaginam”. Com isso, já aprendemos que não é o ato de meditar que faz uma pessoa se tornar justa; mas sim sobre o que ela medita! Muitas religiões praticam a meditação e ensinam os seguidores a esvaziarem a mente, mas o crente bíblico ruma a instrução divina para absorver em seu coração. Já as nações remoem a sua amargura contra a “opressão” divina e conspiram juntas (outros exemplos da meditação para o mal: Pv 24.2; Sl 38.12).

Dessa forma, o conflito fica claro. De um lado, temos dois grupos no plural: os reis e as autoridades. De outro lado, estão Javé e seu Ungido, dois indivíduos no singular. Mais uma vez o salmista que o justo luta em inferioridade numérica (como em 1.1). Essa supremacia numérica dos ímpios pode levar o crente a ficar intimidado diante do poder das nações. No entanto, para não se acovardar, o justo precisa enxergar a vida da perspectiva do Altíssimo (2.4-6). Afinal, o conflito entre o sistema do mundo e o reino de Deus persiste ainda; por isso a igreja primitiva citou este texto em sua oração cheia de ousadia (At 4.24-27).

E quem é este Ungido que está ao lado de Javé? Bem, o vocábulo é a tradução simples do termo hebraico Messias (*mashiach*), que no grego é Cristo (*cristos*). No contexto imediato, obviamente o Ungido de Deus é o rei de Israel que está sendo coroado. Ele é o seu representante terreno,

²⁰ Outros salmos reais são: 18, 20, 21, 45, 72, 89, 101, 110, 132 e 144.

²¹ Is 57.13 junta a rebeldia das nações com a imagem anterior da palha dispersa no vento (Sl 1.4).

capacitado e empoderado para implementar o governo divino sobre a terra (1Sm 2.10). Essa compreensão do papel do rei não era exclusiva de Israel, mas sim comum a todos os povos do mundo antigo, em especial do Antigo Oriente Próximo. Fica evidente aqui um ensino que percorre toda a Bíblia: apesar de poder agir sozinho, Javé prefere utilizar agentes humanos (em geral simples e despreparados) para implementar suas ações na terra. Em Jesus esse método chega ao clímax, porque ele é o cumprimento pleno do papel de Messias.

Com habilidade poética,²² o salmista termina o primeiro trecho apresentando o discurso das nações rebeldes. Não se menciona uma luta física, pois toda a rebelião ocorre no plano discursivo. Afinal, é uma batalha ideológica, como a que persiste hoje entre o caminho de Deus e o caminho do mundo. Que batalha é essa? Ora, a ideologia pós-modernista ensina que o ser humano deve buscar a liberdade total e se livrar do controle divino, que julga opressivo. Assim, a lei divina é considerada impositiva e restritiva, e não uma fonte de prazer e felicidade, como revelado no salmo 1. Veja que esta ideologia tão atual já é descrita neste texto de mais de três mil anos! De fato, a rebeldia contra a vontade do Senhor se iniciou no Jardim do Éden (Gn 3.6-7), pois o primeiro casal quis dirigir a sua vida de forma independente. Portanto, “não há nada de novo debaixo do sol” (Ec 1.9).

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. A pergunta inicial do salmista é retórica. Justifique.
2. De que forma os ímpios meditam para o mal?
3. Quais são os dois lados da batalha perene da humanidade?
4. Quem é o Ungido de Javé descrito no salmo 2?
5. Qual é a ideologia ensinada pelos que se rebelam contra o Senhor?

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. É lícito ao crente fazer meditação transcendental?
2. Você fica intimidado diante da superioridade numérica e do poder dos ímpios?
3. Deus gosta de usar pessoas para executar suas missões. Você está disponível pra ser ungido?
4. Há áreas de sua vida que não estão submissas à vontade do Senhor?

2. A reação divina (2.4-6)

**Aquele que habita nos céus ri;
o Senhor zomba deles.
Depois, ele lhes falará em sua ira
e no seu furor os deixará apavorados:
“Eu mesmo constituí o meu Rei
sobre Sião, o monte da minha santidade.”**

Neste trecho, o cenário muda para o ambiente celestial. Ouvimos agora a reação do Senhor soberano ao complô das nações, primeiro com risada e depois com ira. Por meio de seu riso aberto, Javé se revela despreocupado com a rebeldia das nações, pois ele sabe o fim que planejou para os ímpios (Sl 37.13; 59.8; Is 40.23). De uma forma bem estruturada poeticamente,²³ tudo isso demonstra

²² Observe também o paralelismo sinônimo dos versículos 1 e 3. O segundo verso repete a ideia do primeiro e a aprofunda de alguma forma. No versículo 2, temos um paralelismo nas duas primeiras linhas (com sujeito e verbo), mas o terceiro verso é um complemento que identifica o objeto das ações descritas.

²³ Aqui nesta estrofe podemos perceber o paralelismo sinônimo nos versículos 4 e 5. No v. 5, “Aquele que habita nos céus” corresponde a “o Senhor”; o verbo rir corresponde a zombar; mas surge o complemento “deles” que indica o motivo do riso divino. No v. 6, “em sua ira” corresponde a “no seu furor”; “lhes” corresponde a “os”; no entanto, surge uma substituição da ação inicial (“falará”) pela reação gerada nos ouvintes (“deixará apavorados”).

indiretamente o seu imenso poder e a sua soberania inatacável sobre todo o universo.

Depois de descartar a pretensão dos reis da terra como irrisória, Javé revela a sua ira e o seu furor às nações. Quando Javé fala, todos tremem e tudo se resolve (Sl 46.6)! Incrivelmente, aqui ele não parte para uma ação imediata de guerra contra as nações, mas demonstra a sua ira por meio da proclamação de que ele mesmo já estabeleceu o seu Ungido em Sião (Jerusalém).²⁴ A tradução “eu mesmo” indica que o pronome “eu” é enfático no texto original e é mais um recurso poético do salmista para salientar a soberania de Deus em estabelecer o seu Ungido.

Dessa maneira, a entronização da dinastia davídica em Jerusalém é o método do Senhor para conter a rebelião das nações, pois seu Ungido implementará a justiça e controlará as nações (2.8-9). Como vimos antes, usar um representante é o método preferido de Deus. Obviamente, como Jesus é o cumprimento da figura do Ungido, o salmo todo também se aplica a ele.

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. Por que Deus ri diante da rebeldia das nações?
2. Qual é o fim que o Senhor planejou para os ímpios?
3. Que método Deus escolheu para demonstrar a sua ira contra as nações?

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. Você está preparado para entrar na batalha ideológica como o ungido de Deus?
2. Como este salmo se aplica a Jesus e à igreja?

3. O anúncio do Ungido (2.7-9)

“Contarei o decreto de Javé.

Ele me disse:

‘Você é meu Filho;

Eu hoje gerei você.

Peça-me e eu darei as nações para sua herança

e para sua posse os confins da terra.

Você as quebrará com uma vara de ferro

e como um vaso de oleiro você as despedaçará.’ ”

A segunda estrofe termina com uma fala (2.6), como a primeira (2.3). Contudo, na terceira estrofe o rei terreno toma a palavra e revela poeticamente²⁵ o decreto de Javé proclamado no momento da coroação do rei. O texto hebraico não explicita “o rei diz”, como acrescenta a NAA, mas a mudança para um verbo na primeira pessoa, após a declaração do v. 6, e o conteúdo do decreto indicam fortemente que agora é o rei davídico que se pronuncia.

Este decreto do Senhor (“você é meu Filho”) reconhece o rei davídico como filho adotivo de Deus, como seu agente sobre a terra. Denominar o rei de “filho de Deus” também era um costume de vários povos antigos. O decreto relembra implicitamente a aliança de Deus com Davi (2Sm 7.13-

²⁴ Alguns estudiosos defendem que a tradução deve ser no tempo passado: “falou” e “deixou”. Contudo, no contexto geral, o tempo da proclamação não altera a interpretação.

²⁵ Mais uma vez, o paralelismo sinonímico ocorre em todos os versículos que compõem o decreto. Desta vez são todos paralelismos invertidos (na segunda linha os termos da sentença inicial são colocados em outra ordem). No v. 7, após a primeira parte sem paralelismo, “você” corresponde a “eu”; “meu filho” a “gerei você”; surge a adição de “hoje”. No v. 8, também o primeiro verbo está fora da estrutura paralela, na qual “nações” corresponde a “confins da terra” e “herança” a “posse”. O verbo principal aparece apenas na 1ª linha, pois o objeto “nações” é desdobrado no mais extenso “confins da terra”. No v. 9, “quebrará” corresponde a “despedaçará” e “com uma vara de ferro” corresponde a “como um vaso de oleiro”; aqui a primeira linha dá o instrumento da ação e a segunda informa o modo por meio de uma símile.

14; Sl 89.26-27) e confirma que a promessa divina permanece válida. O texto é retomado no Novo Testamento (Hb 1.5; 5.5) para uma clara conexão com Jesus, o verdadeiro Filho de Deus e Messias. Além disso, Paulo explica este “hoje” (2.7) como o dia da ressurreição de Jesus (At 13.33; Rm 1.4), demonstrando que ele é o Filho de Deus esperado, o Cristo (cf. Mt 26.63).

O rei ungido deve implementar a justiça social de Deus sobre a terra (72.1-4; Is 11.1-5) com vara de ferro (2.8-9). Essas duras expressões não implicam tirania insensata, mas sim um poder irresistível. No ritual egípcio de entronização, o nome das nações vassalas era escrito em tabuinhas de barro e estas eram despedaçadas pelo rei com o seu cetro no momento da coroação. O domínio da dinastia davídica sobre as nações da terra é um discurso ousado para a pequena nação de Judá diante das poderosas nações do mundo. Só era possível falar isso com fé no poder soberano de Javé.

A justiça do Senhor deveria ser estabelecida sobre as nações a partir do seu ungido em Jerusalém, de modo que toda a terra escolhesse adorar a Deus por meio do exemplo e liderança de Israel (Is 9.6-7; 2.2-5; Zc 14.8-9).²⁶ Entretanto, não houve nenhum momento histórico em que o rei israelita tenha governado sobre toda a terra, pois o pedido (2.8) só podia ser feito por um rei justo que representasse fielmente a Deus.²⁷ A triste história de Israel e Judá revelam que esse rei não surgiu até o exílio, o que os levou a esperar cada vez mais intensamente pelo Messias prometido.

Sabemos, portanto, que Israel falhou em sua missão e isso só foi cumprido pelo verdadeiro Messias Jesus. Perceba que, na terceira tentativa, o diabo ofereceu ao Messias um caminho mais fácil para atingir este objetivo de dominar todas as nações: só era preciso que Jesus o adorasse (Mt 4.8-9). Jesus optou pelo caminho sacrificial de cumprir a vontade do Pai até a morte de cruz (Fp 2.5-8) para receber das mãos do Pai o domínio mundial (Fp 2.9-11; Mt 28.18).

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. O que o decreto do Senhor proclama?
2. Que aliança Deus fez com Davi? Explique.
3. Como Paulo explica o “hoje” do decreto de Deus na vida de Jesus?
4. O rei ungido governará as nações com tirania? Justifique.
5. Como Israel deveria ter cumprido o decreto de Deus na sua época?
6. Quem cumpriu o decreto de Deus?
7. Quando e como se cumprirá plenamente esta profecia do salmo 2?

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. A igreja hoje pode proclamar o mesmo discurso ousado da pequena nação de Judá?
2. Você já foi tentado a cumprir a vontade do Pai de uma maneira mais fácil?

4. A exortação aos reis da terra (2.10-12)

**E agora, reis, sejam prudentes;
deixem-se instruir, juízes da terra.
Sirvam Javé com temor
e alegrem-se com tremor.
Beijem o Filho
para que ele não se ire,
e vocês não pereçam no caminho;**

²⁶ Este domínio e liderança do rei davídico recupera a missão que Deus passou ao ser humano criado antes da Queda, de exercer domínio sobre toda a terra para levá-la a adorar o Criador.

²⁷ Essa condição está implícita neste salmo, mas fica mais clara a partir de outros textos bíblicos.

porque rapidamente se acende a sua ira.
Oh! As bem-aventuranças de todos os que se refugiam nele.

A seção final do salmo 2 termina com admoestações imperativas aos reis e juizes da terra que conspiram contra o Senhor. O termo enfático “e agora” (*we ‘attah*) indica que o salmista apresenta conclusões tiradas da exposição anterior.²⁸

Diante do decreto de Javé que estabelece seu rei em Sião, é prudente que os demais reis da terra tenham e sirvam o Senhor e o seu Ungido. Em uma exortação tipicamente profética, Deus comanda todos à adoração e à sujeição voluntária ao rei escolhido, o Filho. Obviamente, a sujeição principal exigida é ao Senhor Deus, não ao rei terreno que age em seu lugar. A alegria mencionada surge depois pela oportunidade de servir voluntariamente este Deus.²⁹ O salmista ainda insiste na submissão voluntária ao exortar os reis a beijarem o Filho. Isso provavelmente se refere ao costume de os vassallos beijarem os pés do rei suserano no momento de sua entronização, para indicar sua submissão ao novo rei (1Sm 10.1).³⁰

No cumprimento em Jesus, o governo do Messias hoje se estende a todas as nações, mas exige de cada pessoa apenas uma submissão voluntária. Antes de julgarmos os ímpios como rebeldes a serem punidos, precisamos lembrar que nós fazemos parte das nações rebeldes (pois não somos Israel) e que tivemos oportunidade de ouvir este maravilhoso convite e de atendê-lo.

Chegará o momento em que essa profecia se cumprirá plenamente: será o “dia do Senhor” anunciado pelos profetas (Jl 2.11; Ml 3.2) para o final dos tempos. Nesse momento, será revelada a ira de Deus e do Cordeiro (Ap 6.15-17; 11.15-19) e o domínio do Ungido será imposto obrigatoriamente a todos os seres humanos (Ap 12.5; 19.11-15).³¹ Obviamente, os que não se submeterem ao Senhor Jesus serão mortos quando a ira divina se manifestar. Por isso o salmista exorta que os reis se submetam para não perecerem.³² O “caminho” mencionado (Sl 2.12) é o dos ímpios, que “perecerá”, como o salmo 1 já revelou com o uso do mesmo verbo hebraico (1.6).

Mesmo antes deste momento glorioso final, o crente hoje também é convocado a esta luta de ideologias e poderes: precisamos usar as armas espirituais para destruir os raciocínios enganosos (2Co 10.4-6) oferecidos pelo mundo.

Além dos recursos poéticos usuais de paralelismo,³³ o salmista termina com nova menção à exclamação “Oh! As bem-aventuranças de...”, o que produz um enquadramento³⁴ significativo com o primeiro salmo (1.1) e indica que os dois salmos devem ser lidos juntos. Aqui a bem-aventurança se refere aos que se submeterem voluntariamente ao Senhor, ao buscarem refúgio no seu Ungido, o Filho de Deus.

²⁸ Poderia ser uma continuação da fala do rei, mas é mais provável que sejam palavras conclusivas do salmista.

²⁹ Alguns estudiosos propõem que a melhor tradução para o verbo “alegrem-se” (*gil*) aqui é “arrependam-se, tenham pesar”, como expresso em Os 10.5 (“tremarão”, na ARA).

³⁰ É um versículo de tradução difícil e com outras propostas de entendimento (por exemplo, em vez de “Filho”, entender o termo original *bar* como “sinceramente”). O sentido geral da interpretação não se altera, contudo.

³¹ Jesus compartilhará este governo com a sua igreja (Ap 2.26-27; 5.10).

³² Há um interessante trocadilho no texto original: os reis precisam escolher entre “servir” (*‘avad*) o Senhor ou “perecer” (*‘avad*). Apenas a primeira letra muda, mas o sentido é bem diferente!

³³ Neste trecho, temos um paralelismo invertido no v. 10, em que “reis” corresponde a “juizes da terra” e “sejam prudentes” corresponde a “deixem-se instruir”. No v. 11, o paralelismo não está invertido, equiparando “sirvam” com “alegrem-se” e “temor” com “tremor”. O v. 12 tem uma estrutura mais complexa.

³⁴ O enquadramento (*inclusio*) ou estrutura de envelope é um mecanismo literário usado na Bíblia que consiste na repetição de um ou mais termos (palavras ou expressões) no começo e no fim de uma seção. Em geral, os termos repetidos e destacados são temas importantes da seção.

PERGUNTAS DE REVISÃO

1. Por que é prudente que os reis da terra se submetam logo ao Senhor e ao seu Ungido?
2. Como o governo do Messias acontece hoje?
3. O que acontecerá no “dia do Senhor” anunciado pelos profetas?
4. O enquadramento da exclamação de bem-aventurança indica o que sobre os dois salmos?

PERGUNTAS DE APLICAÇÃO

1. Você já se submeteu voluntariamente ao Ungido? Você faz isso diariamente?
2. Como você encara a luta feroz e a matança que acontecerão neste dia da ira do Cordeiro?
3. Como você pode lutar na batalha ideológica contra as nações? Quais são as suas armas?

A dupla introdução ao livro

Os dois primeiros salmos são uma introdução intencional ao saltério todo. O salmo 1 já era considerado como um prefácio ao livro desde a antiguidade. Hoje se entende que o salmo 2 também faz parte deste importante prefácio e deve ser considerado junto com o salmo 1. Além de serem quase os dois únicos salmos sem títulos (no texto original) dos primeiros três livros do saltério (Sl 1–89),³⁵ o que indica um papel diferente, estes dois salmos estão conectados por diversos vocábulos:

1) Há um enquadramento, com repetição da exclamação “Oh! As bem-aventuranças de...” em 1.1 e 2.12, e as duas cláusulas se posicionam de modo destacado fora da estrutura padrão do versículo em que ocorrem;

2) Há repetição do termo “caminho” em 1.1,6 e 2.12; é um termo importante para a definição do tema dos dois salmos.

3) Há repetição do verbo “perecer” em 1.6 e 2.12, indicando que os dois salmos ensinam que o caminho dos ímpios faz perecer;

4) Há repetição do verbo “meditar” em 1.2 e 2.1; contrapondo reações diferentes do justo e das nações rebeldes à instrução do Senhor.

Assim, estes dois salmos introdutórios apresentam as perspectivas segundo as quais devemos ler todo o saltério. O salmo 1 apresenta dois caminhos para escolhermos: o dos justos e o dos ímpios. O salmo 2 revela o confronto cósmico por trás desta escolha entre o Ungido de Deus e os reis do mundo; e demonstra o governo soberano de Deus sobre as nações. Numa analogia com os aeroportos, o primeiro salmo faz um voo doméstico, enquanto o segundo faz um voo internacional.

Os dois salmos apontam os dois métodos principais que Deus usa para efetivar a sua vontade no mundo: por meio da sua Palavra e por meio do seu Ungido. Pelos dois métodos surge uma comunidade de seguidores. O salmo 1 indica que todo o saltério deve ser lido como instrução de Deus para a vida do crente (sabedoria); o salmo 2 indica que todo o saltério deve ser interpretado como exortação às nações a seguirem o Rei e o seu Ungido (profecia). O salmo 2 coloca a devoção à Torá do salmo 1 numa perspectiva escatológica: Javé reina agora e seu reino se manifestará plenamente em breve. Em outras palavras, o salmo 1 ensina a importância das instruções de Deus e o salmo 2 explicita o conteúdo da instrução divina: Javé reina soberano!³⁶

Em suma, os salmos tratam da piedade individual do crente e da ética corporativa das nações; em todas as esferas o mundo deve se submeter ao caminho do Senhor. Esse é o desafio proposto ao leitor do saltério.

³⁵ Embora existam mais quatro salmos sem título original (10; 33; 43; 71), há uma forte tradição que combina estes salmos com os seus predecessores (9; 32; 42; 70), segundo Wilson (p. 107).

³⁶ Esse tema reaparece muitas vezes no livro de Salmos: 5.2; 10.16; 24.7-10; 29.10; 44.4; 47.2,6-7; 48.2; 68.24; 74.12; 84.3; 95.3; 98.6; 99.4; 145.1; 149.2.

Bibliografia

- ALTER, Robert. *The art of biblical poetry*. Nova York: Basic, 1985.
- BROYLES, Craig C. *Psalms*. Grand Rapids: Baker Books, 2012. (Understanding the Bible Commentary Series).
- BRUEGGEMANN, Walter. "Duty as delight and desire: preaching obedience that is not legalism". In: _____. *The covenanted self: explorations in law and covenant*. Org. Patrick D. Miller. Mineápolis: Fortress, 1999. p. 38-47.
- BRUEGGEMANN, Walter. *The message of the psalms: a theological commentary*. Minneapolis: Fortress, 1984.
- CALVINO, João. *Salmos*. 4 v. São José dos Campos: Fiel, 2009. (Comentários Bíblicos).
- DAVIDSON, Robert. *The vitality of worship: a commentary on the book of Psalms*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. (International Theological Commentary). [ITC]
- DECLAISSÉ-WALFORD, Nancy; JACOBSON, Rolf A.; TANNER, Beth LaNeel. *The book of Psalms*. Grand Rapids: Eerdmans, 2014. (The New International Commentary on the Old Testament). [NICOT]
- FUTATO, Mark D.; SCHWAB, George M. *The book of Psalms, the book of Proverbs*. Carol Stream: Tyndale, 2009. (Cornerstone Biblical Commentary, 7).
- GOLDINGAY, John. *Psalms 1–41*. Grand Rapids: Baker Academic, 2006. (Baker Commentary on the Old Testament). [BCOT]
- HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. (Comentários do Antigo Testamento).
- KEIL, Carl Friedrich; DELITZSCH, Franz. *Commentary on the Old Testament*. 10 v. Peabody: Hendrickson, 1996. [Original de 1866].
- KRAUS, Hans-Joachim. *Psalms 1–59*. Minneapolis: Fortress, 1993. (A Continental Commentary).
- MAYS, James Luther. *Psalms*. Louisville: John Knox, 1994. (Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching).
- MAYS, James Luther. *The Lord reigns: a theological handbook to the psalms*. Louisville: Westminster John Knox, 1994.
- MCCANN JR., J. Clinton. *A theological introduction to the book of Psalms: the psalms as Torah*. Nashville: Abingdon, 1993.
- MILLER, Patrick D. *Interpreting the psalms*. Filadélfia: Fortress, 1986.
- PETERSON, Eugene. *A oração que Deus ouve: o livro de Salmos como guia básico de oração*. Brasília: Palavra, 2007.
- ROBERTSON, O. Palmer. *A estrutura e teologia dos salmos: uma proposta corajosa e estimulante para ler o saltério*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- SCHAEFER, Konrad. *Psalms*. Collegeville: The Liturgical, 2001. (Berit Olam Studies in Hebrew Narrative and Poetry).
- SELDERHUIS, H. J. *Salmos 1–72*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. (Comentário Bíblico da Reforma).
- SPURGEON, C. H. *Psalms*. Wheaton: Crossway, 1993. (Crossway Classic Commentaries).
- TESH, S. Edward; ZORN, Walter D. *Psalms*. Joplin: College, 1999. (The College Press NIV Commentary).

- WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *The psalms as christian worship: a historical commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.
- WILCOCK, Michael. *The message of Psalms: songs for the people of God*. Nottingham: Inter-Varsity, 2001. (The Bible Speaks Today). [BST]
- WILSON, Gerald H. *Psalms*, v. 1: 1–72. Grand Rapids: Zondervan, 2002. (The NIV Application Commentary). [NIVAC]